

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT17.023

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA: ESCUTA ATENTA E PRÁTICAS INOVADORAS PARA UM ENSINO TRANSFORMADOR¹

Fernanda Borges de Andrade²
Rogéria Moreira Rezende Isobe³
Rodrigo de Andrade Sá Santos⁴

RESUMO

No momento em que retornamos ao ensino presencial nós, educadores, somos chamados a resistir, insurgir e criar espaços de diálogo que nos permitam construir processos educativos que fortaleçam a democracia, a justiça e a solidariedade no nosso país. Fazem parte desse caminho a proposição de diálogo com os diferentes atores sociais, a visibilização e socialização de práticas educativas significativas, a valorização da profissão docente e a reinvenção da escola que permita a superação do formato dominante, naquilo que ele precisa ser revisto, a partir desse acontecimento. Com o objetivo de descobrir suas compreensões sobre o ensino e as políticas que afetam o trabalho na escola nesse momento que atravessamos, este trabalho apresenta resultados de pesquisa na qual procedemos à escuta atenta de quinze professores da Escola Básica, pública e privada. As respostas dos professores revelaram um cenário desafiador na educação pós pandemia, marcado por mudanças comportamentais e emocionais significativas nos alunos e neles próprios.

1 O trabalho é fruto de Pesquisa Aprovada no CEP/CONEP UFTM em 15/09/2023. CAAE: 3447324.0.0000.5154.

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU, fernanda.andrade@uftm.edu.br;

3 Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP, rogeriaisobe@gmail.com;

4 Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, rodrigoandrade1986@gmail.com;

Em resposta a essas mudanças, os professores entrevistados consideram essencial a adoção de estratégias inovadoras e sensíveis às novas realidades dos alunos, equilibrando a tecnologia com métodos de ensino que promovam o interesse, a participação ativa e o bem-estar emocional dos estudantes. Como recomendações dos docentes entrevistados elencamos: abordagem individualizada; uso estratégico da tecnologia; desenvolvimento de habilidades socioemocionais; comunicação eficaz para reconstruir relações de respeito e interesse mútuo. Constata-se, assim, que abordagens pedagógicas inovadoras e adaptativas são essenciais para enfrentar esses desafios e promover um ambiente de aprendizado eficaz e acolhedor.

Palavras-chave: Ensino presencial, Pós-pandemia, Estratégias inovadoras, Habilidades socioemocionais.

INTRODUÇÃO

Ao retomarmos o ensino presencial após a pandemia de COVID-19, tornou-se importante identificarmos lacunas no processo educacional e buscarmos renovar nossos esforços coletivos para corrigi-las. Afinal, seria ilusória a esperança de que as escolas e seus agentes simplesmente voltassem à normalidade anterior diante do que vivemos e se configurou como uma crise sem precedentes. Certamente seus efeitos serão gradualmente revelados por meio de pesquisas e análises ao longo dos próximos anos.

Afinal, além de todos os desafios que afetaram, tanto os professores quanto os alunos, durante a transição abrupta das aulas presenciais para o ensino remoto, torna-se necessário levar em conta a carga emocional provocada pelo confinamento e pelo medo de serem infectados, além da falta de espaço propício em casa e de computadores, aparelhos celulares, *software* e Internet de boa qualidade - recursos imprescindíveis para um trabalho remoto que pudesse resultar em aprendizagem.

Foram enormes os desafios que todos vivenciaram naquele momento, em que grande parte das escolas e das universidades estavam se esforçando para garantir o uso das tecnologias durante o período de distanciamento físico - embora não tenham tido tempo hábil para testar as ferramentas digitais ou capacitar o corpo docente e técnico-administrativo para utilizá-las corretamente.

Temos consciência de que a tarefa de ensinar nos impõe, cada vez mais desafios que impactam a formação de professores, tendo em vista que as aprendizagens irão exigir muito mais do que as habilidades adquiridas por meio de memorização e reprodução do que lhes é transmitido e ensinado. Procedimentos de compreensão, aplicação e análise deverão estar, cada vez mais, presentes nos processos de ensino mediados pelas novas tecnologias de comunicação e informação.

Vivemos a realidade de uma sociedade em constante atualização - que não se encerra quando as pessoas “se formam”, e se faz e refaz num processo dinâmico de interações cotidianas, nas quais novas informações as colocam em estado de permanentes aprendizes. Afinal, novos estilos de raciocínio se apresentam, como é o caso da simulação, do compartilhamento de informações e do estímulo ao uso de novas percepções e sensibilidades.

Esse movimento constante leva-nos à redefinição do processo de aquisição de conhecimentos, caracterizados como saberes

personalizados, flexíveis e articulados em permanente construção individual e social. As aprendizagens, por sua vez, ao invés de se constituírem como um corpo sólido de conhecimentos determinados previamente e historicamente datados, constituem-se como aprendizagens abertas, não lineares e mutáveis. Aprendizagens descartáveis, seletivas, múltiplas e em permanente atualização. (KENSKI, 2003, p. 7).

Situação que demanda um processo que SCHÖN (1997) denomina como reflexão-sobre-ação no qual o professor toma consciência dos efeitos resultantes das estratégias utilizadas em sala de aula e reformula suas ações à medida que o processo reflexivo evolui, passando, desta forma, a alcançar novos patamares de compreensão sobre a ação e sobre as possíveis soluções para desenvolver novas práticas.

Por este motivo torna-se tão importante que as pesquisas atuais procurem gerar um quadro teórico reflexivo, fundamentado em dados retirados da realidade concreta dos professores nesse momento único e desafiador que vivemos, no qual, aos desafios da contemporaneidade, se acrescentam todas as demandas curriculares e mais as situações emocionais geradas pela pandemia da COVID-19. Situações estas que justificam a realização e demonstram a importância desta pesquisa, tendo em vista que seus resultados poderão ser tomados como conhecimento a respeito da docência e das necessidades formativas de futuros professores. Pretende-se oferecer possibilidades de aprimoramento da prática e da formação docente a partir dos dados retirados da realidade concreta atual, no cenário do retorno ao ensino presencial, a fim de gerar compreensões necessárias para impactar os objetivos e metas de políticas voltadas para a transformação da escola e da universidade

Neste momento, nós, educadores, não podemos submergir, ao contrário, é quando somos convocados a resistir, a nos insurgir e a criar espaços de diálogo que permitam a construção de processos educativos mais robustos, que promovam a democracia e a justiça social em nosso país. Nesse sentido, torna-se fundamental a abertura de canais de diálogo com diferentes atores sociais, que possam dar visibilidade e, também, compartilhar práticas educativas transformadoras, valorizando a profissão docente e reinventando a escola para superar aspectos obsoletos de seu modelo tradicional, à luz dos aprendizados que a pandemia nos trouxe.

No campo das práticas curriculares, podemos afirmar que as “aulas” no mundo, e no Brasil, não serão mais as mesmas. O

ambiente da escola parece ter se expandido e se entrecruzado com novos ambientes, sejam físicos ou virtuais; os comportamentos dos sujeitos, depois de terem experimentado novos modos de participar das aulas e de aprender, podem estar anunciando outras relações nos processos de ensino-aprendizagem. Vimos disparar novos dispositivos curriculares que, embora alguns já estivessem sido anunciados antes da pandemia, agora se sustentam como possibilidades formativas, a exemplo do uso das tecnologias digitais, dos vídeos, dos chats e videoconferências, não mais como suportes, complementação, mas como meios de formação, inclusive na educação básica (RAIC; SÁ, 2021, p. 32).

Assim, torna-se crucial investigar os desafios que surgiram, destacando a importância da reflexão sobre a prática docente e sua reconfiguração, para dar um novo significado às experiências vividas em sala de aula. Com isso em mente, propusemos a pesquisa intitulada “Desafios do retorno às aulas presenciais: uma análise multidimensional”⁵ que realizou uma escuta atenta de dezesseis professores da educação básica, tanto de escolas públicas quanto privadas. O objetivo da pesquisa foi investigar as percepções desses docentes sobre os conteúdos, o currículo e as metodologias de ensino, bem como as mudanças que implementaram em suas atividades diárias com o retorno às aulas presenciais.

Diante disso, as análises do *corpus* desta pesquisa foram embasadas em teorias provenientes dos estudos de autores que se debruçam sobre o tema da formação de professores e sua prática, sendo a construção do campo teórico marcada por duas questões principais. A primeira traz à tona a discussão sobre a importância do contexto da pandemia da COVID-19 que trouxe à tona as condições em que têm se efetivado o processo de ensino e aprendizagem

A segunda questão traz à tona a importância de se dar voz (e condições) aos professores na busca por intervenções de curto prazo que possam mitigar as consequências do impacto da COVID-19 sobre a Educação como consequência dos meses de paralisação das aulas presenciais e da implementação do ensino remoto, que não foi capaz de atingir a todos os estudantes e demonstrou a realidade profundamente injusta e desigual do nosso país.

Entretanto, o fato de observarmos as profundas desigualdades socioeconômicas não nos impede de ver e pensar na emergência de novas realidades, ainda que distribuídas desigual e injusta-

5 Aprovada no CEP/CONEP UFTM em 15/09/2023. CAAE: 73447324.0.0000.5154.

mente. Aqui nos parece fundamental observar uma coisa e outra, ao mesmo tempo, de maneira que não percamos de vista o que está emergindo diante de nós. De início é necessário dizer que o maior problema que enfrentaremos não está na emergência de novos movimentos educativos, mas nas precárias condições sociais, econômicas e culturais historicamente arrastadas, diante do acesso aos bens materiais e imateriais da humanidade. Isso, sim, nos parece ser um motivo de nossas lutas e resistências e não tentar estancar um fluxo que segue independentemente do nosso esforço em querer controlá-lo, como está acontecendo com as novas práticas curriculares. (RAIC; SÁ, 2021, p. 26).

Ganha terreno, desta forma, a ideia de não retornamos ao mesmo, mas à diferença. Nesse sentido não há um novo normal, que demandaria o retorno às escolas com os mesmos modos de existência antes da pandemia, há sim, um pós-normal:

[...] um tempo de fim das utopias e das certezas, de desmoronamento da ideia de verdade centrada na prova empírica, na objetividade, na natureza ou na evidência matemática. Um tempo de explosão das demandas particulares e das lutas da diferença, de aceleração das trocas culturais e dos fluxos globais, de compressão espaço-temporal. Estamos aqui e ao mesmo tempo estamos noutra lugar e outros lugares e tempos estão em nós, fazendo com que relativizemos a ideia de passado e a de futuro, já que narramos a nossa vida tendo em vista um passado que inventamos e um futuro que projetamos, passado e futuro que não são os mesmos nos diferentes lugares (LOPES, 2013, p. 8).

Essa pesquisa buscou não apenas mapear as transformações ocorridas no ambiente escolar, mas também contribuir para a criação de estratégias que possam colaborar com as escolas a se adaptarem a novas realidades, promovendo um ensino mais inclusivo e alinhado com os desafios contemporâneos.

Trata-se da reflexão-sobre-ação (SCHÖN, 1997) que permite ao professor tomar consciência dos efeitos resultantes das estratégias utilizadas e reformular suas ações à medida que o processo reflexivo evolui, passando a alcançar novos patamares de compreensão sobre a ação e sobre as possíveis soluções para desenvolver novas práticas.

No campo das práticas curriculares, podemos afirmar que as “aulas” no mundo, e no Brasil, não serão mais as mesmas. O ambiente da escola parece ter se expandido e se entrecruzado

com novos ambientes, sejam físicos ou virtuais; os comportamentos dos sujeitos, depois de terem experimentado novos modos de participar das aulas e de aprender, podem estar anunciando outras relações nos processos de ensino-aprendizagem. Vimos disparar novos dispositivos curriculares que, embora alguns já estivessem sido anunciados antes da pandemia, agora se sustentam como possibilidades formativas, a exemplo do uso das tecnologias digitais, dos vídeos, dos chats e videoconferências, não mais como suportes, complementação, mas como meios de formação, inclusive na educação básica (RAIC; SÁ, 2021, p. 32).

Sendo assim, procedemos à escuta atenta de professores da Escola Básica, pública e privada, com o objetivo de desvendar suas compreensões sobre o ensino, a cultura escolar, as necessidades de formação e das políticas que afetam o trabalho na escola nesse momento que atravessamos, no qual tem se mostrado fundamental não nos fixarmos em um modelo ou padrão de modos de existir e de produzir realidades.

METODOLOGIA

A pesquisa utilizou uma abordagem metodológica qualitativa, com o objetivo de gerar dados significativos por meio de entrevistas semiestruturadas e grupo focal, envolvendo 16 professores da Educação Básica. A utilização da metodologia qualitativa associada ao grupo focal na pesquisa nos apresentou vantagens que consideramos significativas. Em primeiro lugar, porque a abordagem qualitativa permite uma exploração aprofundada das experiências, percepções e sentimentos dos docentes em relação a questões educacionais complexas, que nos foi particularmente útil quando desejamos compreender não apenas o “o quê”, mas o “como” e o “porquê” das práticas e atitudes dos professores.

Já os grupos focais, podem oferecer um ambiente colaborativo onde os professores têm a oportunidade de interagir, debater e refletir coletivamente sobre suas experiências. Essa dinâmica de grupo estimula a troca de ideias e pode revelar *insights* que talvez não emergissem em entrevistas individuais. A interação entre os participantes pode levar a discussões mais ricas, pois um comentário pode desencadear lembranças ou reflexões em outros membros do grupo, aprofundando a qualidade dos dados coletados.

De acordo com Minayo (2008, p. 269):

O valor principal dessa técnica fundamenta-se na capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos (Krueger, 1988). Nesse sentido, o uso dos grupos focais contrasta com a aplicação de questionários fechados e de entrevistas em que cada um é chamado a emitir opiniões individualmente.

A realização do grupo focal nos permitiu observar as dinâmicas sociais e as influências coletivas que perpassam as opiniões e práticas dos professores, possibilitando identificar consensos, divergências e entender como as crenças e valores compartilhados influenciam o comportamento profissional. Essa compreensão é essencial para desenvolver intervenções educacionais eficazes e políticas que considerem o contexto real das salas de aula.

Outra vantagem é que o ambiente de grupo pode tornar os participantes mais confortáveis para expressar suas opiniões, especialmente se eles se sentirem apoiados por seus pares. Isso pode levar a uma maior honestidade e abertura, resultando em dados mais autênticos e detalhados. Os professores podem se sentir menos isolados ao perceberem que outros compartilham desafios e preocupações semelhantes, o que também pode promover um senso de comunidade e colaboração.

A metodologia qualitativa, definida por Bogdan e Biklen (1991) como um método que se concentra na compreensão dos significados que as pessoas atribuem às suas experiências e ao mundo ao seu redor, permitiu que os pesquisadores ajustassem o foco da discussão com base nas respostas dos participantes. Isso se mostrou particularmente útil quando nos dispusemos a explorar áreas emergentes de interesse, que poderiam não ter sido consideradas inicialmente, enriquecendo ainda mais os resultados da pesquisa.

Essas vantagens fazem com que essa abordagem seja particularmente eficaz para captar a complexidade do contexto educacional nesse momento e contribuir para o desenvolvimento de práticas e políticas que reflitam as necessidades e realidades dos professores.

Em nosso caso, através dessas conversas, buscamos ampliar as perspectivas sobre os desafios e transformações que o ensino remoto e o retorno ao presencial, após a pandemia de COVID-19, trouxeram para as escolas. A investigação foi guiada por questões centrais que permitiram aos professores refletirem sobre suas experiências: Quais foram os maiores desafios enfrentados com a volta às atividades presenciais? Como alunos, professores, famílias e outros agentes

escolares se adaptaram a essa nova realidade? Quais mudanças ocorreram na prática docente e o que ainda pode ou deve ser modificado?

Além de buscar compreender essas questões, o objetivo foi refletir sobre intervenções que pudessem ser aplicadas a curto prazo, com vistas a atenuar os efeitos da COVID-19 sobre a educação, especialmente após a paralisação prolongada das aulas presenciais. A metodologia incluiu a elaboração de 22 perguntas organizadas em três categorias, com o intuito de fornecer uma visão abrangente das múltiplas dimensões desse retorno.

A primeira categoria (A) se concentrou em identificar possíveis intervenções de curto prazo que pudessem minimizar os impactos da pandemia sobre o ensino, permitindo aos professores e alunos uma transição mais suave para a retomada das atividades presenciais. A segunda categoria (B) investigou as mudanças demandadas no cotidiano dos docentes da Educação Básica com o retorno às aulas presenciais, desde as adaptações logísticas até os ajustes pedagógicos necessários para atender às novas realidades. Por fim, a terceira categoria (C) explorou as percepções dos professores sobre o conteúdo curricular, as metodologias de ensino e as alterações feitas em suas práticas didáticas, tanto em sala de aula quanto nas atividades escolares em geral, após o retorno presencial.

Essa estrutura permitiu um olhar detalhado sobre como o ensino foi impactado e como os professores, enquanto principais mediadores desse processo, reinterpretaram e reconstruíram suas práticas. A pesquisa também destacou a importância de ouvir as vozes dos docentes, já que eles desempenham um papel fundamental na implementação de mudanças que podem transformar o ambiente escolar em um espaço mais resiliente, inovador e capaz de lidar com crises futuras. Dessa forma, além de mapear os desafios enfrentados, a investigação pretendeu contribuir para a formulação de estratégias educacionais mais inclusivas, eficazes e capazes de enfrentar os desafios contemporâneos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados revelou que, após o retorno às atividades presenciais, a maioria dos professores notou mudanças significativas no comportamento e na dinâmica de interação com os alunos. No que se refere à primeira categoria da pesquisa, que buscava identificar intervenções de curto prazo para mitigar os efeitos da pandemia de COVID-19 sobre a educação, ficou evidente que a

crise exacerbou as desigualdades no sistema educacional brasileiro. O ensino remoto, implementado emergencialmente, expôs a disparidade entre as escolas públicas e privadas.

Nas escolas públicas, muitos alunos não tinham acesso a dispositivos eletrônicos ou à internet, o que dificultou sua participação nas aulas virtuais. Já nas escolas particulares, a maioria dos estudantes possuía esses recursos e, embora algumas escolas tenham distribuído equipamentos para reduzir esse abismo, certamente as desigualdades no acesso à tecnologia comprometeram o aprendizado dos alunos mais vulneráveis.

Além da falta de recursos tecnológicos, tanto escolas públicas quanto privadas enfrentaram dificuldades comuns, como a falta de engajamento dos alunos e a ausência de ambientes domésticos adequados para o estudo. Para contornar esses obstáculos, os professores implementaram estratégias como a solicitação do uso de câmeras abertas durante as aulas online, a distribuição de materiais impressos e o uso de ferramentas digitais para tornar as aulas mais interativas. No entanto, essas medidas foram insuficientes para superar as barreiras impostas pelas desigualdades sociais e tecnológicas, evidenciando a complexidade dos desafios enfrentados no ensino durante a pandemia.

Em relação ao uso da tecnologia, os professores acreditaram que ela poderia ter sido uma aliada importante, facilitando diagnósticos, individualização do ensino e maior interatividade. Contudo, como relatado pelo(a) Docente 4, “[...] as dificuldades de acesso à internet nas escolas e a falta de capacitação dos professores para usar essas ferramentas de forma eficiente comprometeram esse potencial” (GRUPO FOCAL, 2023).

Outro ponto crucial que a pandemia destacou foi a saúde mental de alunos e professores. Estresse e ansiedade afetaram diretamente o aprendizado, o que levou os professores a indicarem a necessidade de intervenções focadas no suporte psicológico e no desenvolvimento socioemocional nas escolas. A criação de ambientes mais acolhedores e resilientes se mostrou uma prioridade, reforçando a urgência de políticas públicas que promovam o acesso equitativo à tecnologia e estratégias pedagógicas inclusivas, além de suporte emocional adequado para preparar o sistema educacional para desafios futuros.

Na segunda categoria da pesquisa, que analisou as mudanças no cotidiano dos professores com o retorno às aulas presenciais, foi constatado que houve uma piora significativa no comportamento dos alunos. Muitos se tornaram mais estressados, agressivos e desmotivados em relação à vida acadêmica.

A defasagem no aprendizado, causada pela transição para o ensino remoto sem recursos adequados, gerou frustração entre os estudantes. Apesar do aumento nas horas de aula, a maioria dos professores concordou que isso não garantiu uma melhora significativa na aprendizagem, pois o tempo efetivo de estudo e engajamento nas atividades não aumentou proporcionalmente, como relatado pelo(a) Docente 10, “[...] o tempo que o aluno passa na escola não reflete necessariamente o quanto ele está engajado em atividades que promovam aprendizado.” (GRUPO FOCAL, 2023).

Outro desafio relatado pelos professores foi a adaptação ao uso de novas metodologias e o equilíbrio entre a recuperação de conteúdos perdidos durante o ensino remoto e o avanço no currículo atual. Muitos professores sentiram que aumentar a quantidade de conteúdo ministrado em um único dia era contraproducente, pois, como observado pelo Docente 10, “[...] isso sobrecarrega a memória dos alunos, prejudicando a retenção do que foi ensinado anteriormente (GRUPO FOCAL, 2023).

A interação entre os alunos também foi impactada, com muitos se tornando mais introspectivos e menos engajados socialmente, em parte devido ao uso excessivo de celulares. Os professores relataram que o isolamento social prolongado e a transição de volta ao ensino presencial prejudicaram a colaboração e o engajamento em sala de aula. Para mitigar esses problemas, os educadores têm utilizado tecnologias, como o Google Sala de Aula, e introduzido metodologias inovadoras, como a sala de aula invertida e o uso de mapas mentais. No entanto, a desigualdade no acesso a dispositivos digitais ainda limita a eficácia dessas abordagens em escolas com menos recursos.

Os professores também buscaram formas de autocuidado para lidar com o estresse e a sobrecarga profissional, adotando atividades como exercícios físicos, terapia e o fortalecimento do apoio social. Muitos relataram que cuidar da saúde mental e estabelecer limites entre a vida pessoal e profissional foi essencial para enfrentar os desafios pós-pandemia. No entanto, a relação entre professores e alunos continua fragilizada, em parte pela falta de contato pessoal durante o período de ensino remoto. Apesar disso, alguns docentes observaram que o compartilhamento em redes sociais ajudou a fortalecer os vínculos com os estudantes.

Na terceira categoria, que investigou as representações dos professores sobre os conteúdos, currículo e metodologias de ensino após o retorno presencial, ficou claro que o maior impacto foi a defasagem no aprendizado dos

alunos. Também foi destacado que a uniformidade do currículo nacional, aplicada de forma generalizada em diferentes partes do país, pode ter contribuído para a percepção de lacunas no ensino, demandando adaptações locais para atender às necessidades específicas dos alunos.

No que diz respeito às formas de ensino, a principal transformação foi a incorporação da tecnologia, impulsionada pela adaptação ao ensino remoto. Ferramentas digitais e recursos audiovisuais passaram a ser usados com mais frequência para engajar os alunos e tornar o aprendizado mais interativo. No entanto, a pesquisa também evidenciou as disparidades entre escolas públicas e particulares no que diz respeito ao acesso à tecnologia, reiterando a necessidade de políticas que garantam um ensino mais equitativo para todos.

Como destacado nos relatos dos docentes, os professores da rede pública enfrentaram maiores desafios, como a falta de infraestrutura e as condições financeiras precárias dos alunos, que dependiam da internet como principal meio de comunicação e estudo durante a pandemia. A readaptação desses alunos ao ambiente escolar pós-pandemia foi extremamente difícil, especialmente em escolas que não se prepararam adequadamente para o novo cenário e não consideraram as dificuldades enfrentadas tanto pelos estudantes quanto pelos professores.

Em contraste, nas escolas privadas, os alunos tiveram maior facilidade de acesso à internet e as instituições demonstraram um melhor preparo para o ensino remoto. No entanto, alguns docentes relataram que, mesmo com essas vantagens, nem todas as escolas reavaliaram os conteúdos de maneira adequada, optando apenas por reforçar ou revisar o que já havia sido ensinado. Ainda que o ensino tenha se tornado mais dinâmico, as abordagens tradicionais, focadas em conteúdo e sem interdisciplinaridade continuaram predominantes, percepção da maioria dos professores que aqui trazemos no relato do(a) Docente 8:

Ficamos delimitados, ficamos dispostos na mesma filosofia na qual o professor de geografia entra, dá a sua matéria: “copiaram, possuem dúvidas?. Não? Então obrigado, agora vem história”. O professor de história fala só do conteúdo dele de história. Não existe a questão da interdisciplinaridade. Executa o seu conteúdo, prepara o aluno tal, passa a matéria no quadro, anota, vê se não anotou, pede silêncio (ENTREVISTA, 2023).

Algumas instituições privadas desenvolveram materiais próprios, como apostilas, para se adequar ao formato de ensino remoto, o que não foi possível em muitas escolas públicas devido à falta de recursos.

O retorno às aulas presenciais trouxe impactos significativos na relação entre professores e alunos, com diferenças notáveis entre as redes pública e privada, assim como entre os níveis de ensino. Na rede pública, os professores relataram um aumento nos problemas emocionais dos alunos, como depressão e automutilação. Já nas escolas particulares, o distanciamento emocional e interações mais mecânicas foram mais comuns. No ensino fundamental, o uso excessivo de celulares e as dificuldades de interação entre os alunos foram desafios recorrentes, enquanto no ensino médio, a agressividade entre os alunos foi uma preocupação mais proeminente. Em ambos os contextos, questões emocionais, desânimo e o uso excessivo de celulares foram desafios generalizados.

Os professores também procuraram adotar estratégias para cuidar de seu bem-estar após os impactos da pandemia. Muitos buscaram apoio terapêutico e investiram em atividades físicas como forma de manter o equilíbrio emocional. Contudo, a sobrecarga de trabalho fez com que alguns docentes relatassem falta de tempo e disponibilidade para autocuidado, evidenciando o aumento do estresse e da pressão no ambiente educacional.

Quanto às estratégias de engajamento dos alunos e otimização do ensino após o retorno às aulas presenciais, observou-se que, nas escolas particulares, há um maior envolvimento dos pais e uma frequência maior na atribuição de tarefas de casa, algo menos frequente nas escolas públicas. Os professores entrevistados identificaram como essencial a adoção de estratégias inovadoras e sensíveis às novas realidades dos alunos, equilibrando o uso de tecnologia com métodos de ensino que promovam o interesse, a participação ativa e o bem-estar emocional dos estudantes.

Entre as recomendações dos docentes entrevistados, destacam-se: a) Abordagem individualizada, levando em conta as necessidades emocionais e educacionais de cada aluno; b) Uso estratégico da tecnologia, integrando-a para complementar e enriquecer a experiência de aprendizagem; c) Desenvolvimento de habilidades socioemocionais, para fortalecer a resiliência e o bem-estar dos alunos; d) Comunicação eficaz, estabelecendo diálogos claros e respeitosos que ajudem a reconstruir as relações de respeito e interesse mútuo.

Dentre as abordagens consideradas mais eficazes para manter os alunos engajados e otimizar o tempo de ensino no retorno às aulas presenciais, destacam-se:

- Clareza e organização do conteúdo, bem como o suporte oferecido aos alunos com maiores dificuldades, em um ambiente que combina ensino presencial com orientações online (73%);
- Incentivo a projetos de leitura, visando beneficiar a aquisição de vocabulário e promover boas interações entre pais e filhos, especialmente para os alunos mais jovens (67%);
- Realização de avaliações diagnósticas detalhadas para reorientar o trabalho dos professores e a organização de atividades de tutoria com apoio de professores e acadêmicos de pedagogia e licenciaturas (60%).

A pesquisa também apontou a necessidade urgente de adaptações pedagógicas e de apoio emocional, tanto para garantir um ensino mais eficiente quanto para criar um ambiente escolar mais saudável, tendo em vista que a pesquisa constatou que, após o retorno às atividades presenciais, a maioria dos professores observou mudanças significativas no comportamento e na dinâmica de interação com os alunos. Houve um aumento expressivo na carência emocional dos alunos, muitos deles demonstrando sinais de desinteresse, estresse e problemas emocionais graves, que são, possivelmente, reflexos do isolamento prolongado e das adversidades enfrentadas durante a pandemia.

Outro aspecto marcante foi o impacto das tecnologias e das redes sociais. Muitos professores relataram o aumento no uso de celulares em sala de aula, o que contribuiu para a distração e a diminuição da atenção dos alunos. Os desafios disciplinares e a necessidade de adaptação das abordagens pedagógicas foram questões frequentemente mencionadas. A preocupação é agravada pela desigualdade de acesso aos recursos tecnológicos, já que muitos alunos da rede pública não dispunham dos aparelhos e da conexão necessários para acompanhar o ensino remoto de maneira adequada, o que resultou em um déficit de aprendizado significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que o retorno às atividades presenciais nas escolas após a pandemia trouxe à tona desafios profundos nas relações entre professores e alunos, destacando diferenças marcantes entre as redes de ensino pública e privada, bem como entre os diferentes níveis educacionais. Nas escolas públicas, o impacto emocional sobre os alunos foi evidente, com um aumento significativo em casos de depressão, automutilação e outros problemas psicológicos. Esses estudantes, já vulneráveis antes da pandemia, enfrentaram dificuldades ainda maiores para se reintegrar ao ambiente escolar. A falta de infraestrutura e o cenário socioeconômico precário contribuíram para a intensificação dessas questões, exigindo dos professores uma atenção especial para lidar com o bem-estar emocional dos alunos.

Nas escolas particulares, por outro lado, as interações entre alunos e professores apresentaram um distanciamento mais evidente. Embora as instituições privadas estivessem em uma posição mais favorável em termos de infraestrutura e acesso à tecnologia durante o ensino remoto, o retorno presencial revelou um comportamento mais mecânico nas relações interpessoais. Esse distanciamento pode ser reflexo do uso extensivo de ferramentas tecnológicas, que, embora facilitassem a continuidade do ensino, reduziram a interação pessoal e a proximidade entre alunos e professores.

No ensino fundamental, os desafios foram particularmente centrados no uso excessivo de celulares e nas dificuldades de socialização dos alunos, que mostraram comportamentos mais introspectivos e pouca interação entre si. Muitos professores relataram dificuldades em retomar a dinâmica de sala de aula, já que os estudantes pareciam desinteressados e dispersos, utilizando a tecnologia de forma abusiva e pouco produtiva durante as aulas. No ensino médio, o problema da agressividade entre os alunos se destacou, com relatos de comportamentos mais hostis, possivelmente decorrentes do isolamento prolongado e das frustrações acumuladas durante o período de ensino remoto.

Independentemente do contexto escolar, problemas emocionais, desânimo e o uso excessivo de tecnologia se mostraram como dificuldades comuns em todas as instituições. Para enfrentar os impactos da pandemia, alguns professores recorreram a terapias e a práticas de autocuidado, como atividades físicas, na tentativa de manter o equilíbrio emocional. No entanto, a sobrecarga de trabalho imposta pela adaptação às novas exigências limitou o acesso desses

profissionais a essas práticas, resultando em estresse e exaustão, que, por sua vez, impactaram o ambiente de sala de aula.

Quanto ao engajamento dos alunos, houve uma diferença significativa entre as redes pública e privada. Nas escolas particulares, o envolvimento dos pais foi mais frequente, o que facilitou o uso de tarefas de casa como uma ferramenta adicional para reforçar o aprendizado. Nas escolas públicas, essas estratégias foram mais limitadas, em parte devido à falta de recursos e à menor participação familiar. O apoio familiar nas escolas privadas contribuiu para uma melhor adaptação ao retorno presencial, mas isso não eliminou completamente os desafios pedagógicos.

A clareza na comunicação por parte dos professores foi unanimemente apontada como fundamental para o sucesso do ensino nesse período pós-pandemia. Professores de ambas as redes ressaltaram a importância de se comunicar de maneira clara e de organizar os conteúdos de forma acessível para os alunos, especialmente diante do cenário de desigualdade educacional. No entanto, alguns docentes criticaram a falta de reavaliação dos conteúdos curriculares em certas instituições, que optaram apenas por reforçar ou revisar o que já havia sido ensinado durante o ensino remoto. Essa prática foi observada tanto em escolas públicas quanto particulares e foi considerada inadequada, já que muitos alunos ainda enfrentavam lacunas significativas em seu aprendizado.

Houve também casos em que escolas privadas desenvolveram materiais próprios, como apostilas, para se adequar ao novo formato de ensino, mas isso nem sempre foi acompanhado por uma revisão curricular profunda, o que limitou a eficácia dessas estratégias. Essa situação reforça a necessidade urgente de adaptações pedagógicas mais abrangentes e de uma revisão curricular que leve em conta as dificuldades e o contexto atual dos alunos.

De modo geral, o retorno às aulas presenciais expôs a necessidade de revisões pedagógicas significativas e de um suporte emocional robusto para alunos e professores. Essas mudanças são essenciais não apenas para melhorar a qualidade do ensino, mas também para garantir um ambiente escolar mais saudável e inclusivo, capaz de lidar com os desafios educacionais e emocionais impostos pela pandemia.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. Investigação qualitativa em educação. Porto Editora, Portugal, 1991.

KENSKI, Vani Moreira. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.10, p.47-56, set./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/6419/6323>. Acesso em: 10/10/2024.

LOPES, A. C. Teorias pós-críticas, política e currículo. Educação, Sociedade e Culturas, nº 39, 2013, 7 – 23.

KRUEGER, R. A. Focus Groups: A Practical Guide for Applied Research. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1988.

MINAYO, Maria C. de S. O desafio do conhecimento. 11ªed. São Paulo: Hucitec, 2008.

RAIC; Daniele Farias Freire; SÃ, Maria Roseli Gomes Brito de. O retorno a um “novo normal”: a emergência de um pós-normal em educação. Revista Entreideias, Salvador, v. 10, n. 1, p. 11-37, jan./abr. 2021.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Org.). Os professores e a sua formação. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 79-91.